

Texto curatorial da mostra
É tudo depois, de Mateus Morbeck,
realizada na A Galeria do
Ativa Atelier Livre, em Salvador.

Entre a denúncia e a poesia

Fábio Gatti
Curadora

A pandemia que assolaria o mundo ainda não tinha se instaurado. Porém, em um Brasil governado pela extrema-direita já predominavam displicência, negacionismo, genocídio. Ecoando desde 1492 como herança do imperialismo, essas palavras formam uma coluna erigida com argamassa, ferro e sangue. Por onde o pensamento colonial transitou – e ainda transita – ele disseminou suas violências. Nele, as forças de um capitalismo neófito se desenharam com astúcia, de modo a solidificar seu *modus operandi*: predatório, ilusionista, devastador. Prova disso, manchas de dinheiro cru a boiar nas águas colonizadas dos trópicos chegaram ao Nordeste brasileiro em 30 de agosto de 2019, separando-se pela força das correntezas. No dia 01 de outubro do mesmo ano, as massas de óleo atracaram na praia de Santo Antônio, no município de Mata de São João, litoral baiano. Não tardou para que o óleo se comportasse como o próprio capital: intoxicando e matando as pessoas de fome e os demais seres por falta de ar. A imagem-crime não pertencia a ninguém. Afinal, existe culpa no capitalismo? Há futuro sem Terra? Quanta tragédia compõe um delito? Mesmo após a descoberta da origem do óleo e dos prejuízos envolvidos, não houve responsabilização de fato.

Um ano depois, em outubro de 2020, no intervalo entre a primeira e a segunda onda de contaminação pelo novo coronavírus, a Chapada Diamantina sofreu com incêndios de proporções catastróficas. A hipótese sustentada foi a de crime ambiental. Uma vez mais, as pessoas continuavam a ser assassinadas por uma necropolítica explícita do governo federal brasileiro. O afrouxamento das leis regulamentadoras, a bancada ruralista e a troca das chefias de várias seções da rede do SISNAMA (Sistema Nacional de Meio Ambiente) formada pelo Ibama, ICMBio e Inea são algumas das posturas que validam a recidiva da capitalose – infecção generalizada deflagrada por um estado capitalista mórbido. Mas, quanto futuro o dinheiro pode comprar?

Pesquisas atuais sobre os impactos ambientais revelam que o nível destrutivo das ações humanas já pode ser considerado mudança de período geológico. Saímos

do Holoceno para o Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno ou Chthuluceno¹. Independentemente da nomenclatura, importa saber que os recursos naturais se esgotam, mais rápido, a cada ano. O aumento dos níveis de substâncias químicas tóxicas usadas, a diminuição drástica de diferentes ecossistemas, a acidificação dos oceanos, o crescimento populacional e a extração de petróleo, bem como a criação sempre maior de matérias-primas para a indústria alimentícia, de moda e farmacêutica, são alguns dos fatores que colocam em risco a recursividade e promovem a *grande aceleração*². Esse cenário de fim de mundo se torna o substrato com o qual Mateus Morbeck realiza sua produção artística e afirma sua postura política. Para tanto, ele atuou no recolhimento do óleo com o grupo Guardiões do Litoral e acompanhou *in situ* o trabalho de brigadistas voluntários no combate aos incêndios no Parque Nacional da Chapada.

Enquanto bilionários pagam pelo congelamento de seus corpos e/ou cabeças, a fim de serem ressuscitados por empresas de biotecnologia, e investem em projetos que pretendem levar vida humana para Marte até 2050, Bruno Latour³ afirma inexistir possibilidade de viver ‘fora da Terra’, apenas dentro dela. A ideia de espaço, nutrida pela cinematografia e literatura e responsável por alimentar o imaginário humano até aos anos de 1980, mostrou-se impossível. Não há saída daqui. A esperança de um futuro que não seja bárbaro, como sugerido por Isabelle Stengers (2015)⁴, está posta em xeque. No Brasil, os povos originários e a população negra, cujos ancestrais foram escravizados, enfrentam o fim de seus mundos desde a colonização, como bem expôs Carlos Mondragón (2017) ao analisar o extermínio da população ameríndia. A ideia de um processo apocalíptico representa, segundo Mondragón, “o fim do social, e com ele o fim do afetivo, do estético, e do material que fazem distinguir um mundo humano⁵”. Compartilhando desse entendimento e visando chamar atenção à necessidade de

¹ Haraway, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf

² Pesquisa realizada pelo grupo de trabalho liderado por William Steffen na Conferência de Dahalem, em 2005, que cunhou o termo “a grande aceleração” – nome que sinaliza uma alteração drástica do sistema da Terra, colocando tais eventos fora do intervalo de mudanças esperados de forma natural. No artigo de Steffen et. al., os pesquisadores sinalizaram a existência de 12 marcadores biogeoquímicos e outros 12 socioeconômicos como responsáveis pela grande aceleração. (Steffen, W.; Broadgate, W.; Deutsch, L.; Gaffney, O.; Ludwig, C. The trajectory of the Anthropocene: The great acceleration. The Anthropocene Review 2015, 2, 81. [CrossRef])

³ Latour, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Revista De Antropologia, 57(1), 2014, 11-31. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702>

⁴ Stengers, Isabelle. No Tempo das Catástrofes. São Paulo: Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015.

⁵ Mondragón, C. Otros fines del mundo. Revista de la universidad de México, Extinción Dossier, nov. 2017. <https://www.revistadelaulniversidad.mx/articles/999ca022-1584-4941-b584-048c5025adbf/otros-fines-del-mundo>

manter acesas as relações ecossistêmicas em todas as suas formas, Mateus Morbeck recorre à arte como instrumento de crítica.

A exposição é um franco convite à reflexão conjunta sobre os modos de vida; os imperativos do poder e suas reverberações; a inação dos governos mundiais e seus tratados; a aniquilação do futuro no presente; a procrastinação como paradigma; o dinheiro como morte. A organização dos cinco trabalhos aqui apresentados evidencia a ideia defendida por Ailton Krenak, de que a vida não é útil⁶, de que o progresso e toda a tecnologia disponíveis não salvarão a Terra se continuarmos a comê-la. Logo, Mateus agencia o tempo como um aspecto decisivo na compreensão de seu discurso visual e poético.

Em *Amanhã também foi assim*, *É tudo depois* e *Era escuro, depois chão*, a marcação da passagem do tempo é reorganizada de modo a desvelar a manutenção do extrativismo: as ações produzidas pela repetição contínua, o adiamento deliberado das decisões e os procedimentos cobiçosos das instituições. Por meio da sobreposição de camadas dos dias de incêndio na Chapada Diamantina, *Amanhã também foi assim* se apresenta como um horizonte, em que cada imagem revela a própria existência e declara que a vida só existe na interrelação dos espaços e do tempo com os seres e a pluralidade de ecossistemas. Nenhuma imagem sozinha é autossuficiente. Todas são interdependentes e suas vidas marcadas pela sociabilidade, e não pela exclusão. *É tudo depois*, instalação homônima à mostra, sugere uma dinâmica espacial singular: uma folha única, diminuta e carbonizada, dentro de uma cor também específica, ampla e vibrante, embora morta. O cotejo entre sobrevivência e vida, a partir do entendimento proposto por Krenak, é levado à potência máxima. A folha e o espaço criminosamente destituídos de suas qualidades e obrigados a serem apenas memória. Uma lembrança-apagamento: um futuro do pretérito.

Era escuro, depois chão revela uma geografia da destruição. Os sobreviventes às queimadas, embora modificados de suas formas originais, são os metais. Recolhidos por Morbeck, eles se apresentam como constelação visual cuja disponibilidade afável no espaço da galeria não apresenta o horror implícito neles. Talvez essas sejam as flores do futuro: permanentes apesar de modificáveis. Quando o céu cair e tudo for esmagado, nem mesmo Omamê⁷ poderá ajudar. Enquanto esses trabalhos lidam com a materialidade do fogo e o horror dele advindo, os outros dois, *Nem tudo é mar* e *Meia água*, escancaram os problemas capitalistas cujas raízes remontam à prática colonial, de

⁶ Krenak, Ailton. *A vida não é útil*. Cia das Letras: São Paulo, 2020.

⁷ Davi Kopenawa descreve a queda do céu como a aniquilação da vida. Vida aqui deve ser compreendida a partir da cosmologia Yanomani. Pela mitologia Yanomami, Omamê escondeu os metais dentro da terra e de lá não deveriam ter sido retirados. ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1849409/course/section/474081/pub405-2.pdf>

conquista/travessia das águas. *Nem tudo é mar* faz pensar diretamente na poluição da água pelo óleo cru condensado, mas sobretudo na presença do vento. O mesmo que trouxe as capitâneas europeias carregou o petróleo, por quilômetros, espalhando-o por 116 municípios do litoral nordestino.

Mateus compra lençóis, corta-os e os usa como suporte de criação. Desfigurado de sua utilidade, o lençol assume novo papel sem se desvincular da ideia de casa, de cama, de descanso. Se a casa do talassociclo é o mar, a ação de Morbeck, de retirar as manchas de óleo por uma espécie de monotipia, acende a discussão sobre a separação fundada na modernidade entre o humano – a humanidade da qual fala Krenak – e a natureza. Os povos originários e outras populações não compreendem a vida humana dissociada da cosmologia, como o fizeram a história, a ciência e a filosofia brancas ocidentais desde a invenção do cristianismo. *Meia água* oferece elementos dialógicos aproximativos com *Nem tudo é mar*. Contudo, sua particularidade se dá pela materialidade do papel e pela montagem: a construção de um mapa que manifesta a capacidade destrutiva das minas de petróleo a olho nu. Entre a denúncia e a poesia, Mateus Morbeck tenta ultrapassar o reducionismo maniqueísta da cultura ocidental. Mas, qual a duração de um pesadelo?

[English version:](#)

Between reporting and poetry

The devastating pandemic had not yet arrived. However, in Brazil, governed by far-right politicians, contempt, denialism and genocide were the norm. These words have been echoing since 1492, an inheritance of colonialism, erecting a column of mortar, iron and blood. Colonial thought, everywhere, to this day, has been spreading its violence. Forces of a neophyte capitalism were cleverly designed, leading to the enhancement of its *modus operandi*: predatory, illusionist, destructive. Proven by the slicks of crude oil floating in the colonized sea of the tropics reached northeastern Brazil on August 30, 2019, being separated by the strong currents. On 1st of October, the oil slicks landed on *Santo Antônio* beach, in *Mata de São João*, coast of Bahia. It didn't take long for the oil to behave exactly like the capital itself: poisoning and killing, starving

people and suffocating other beings. The image-crime belonged to no one. After all, is there culpability in capitalism? Will there be a future without the Earth? What amount of tragedy makes a crime? Even after the origin of the oil was discovered, nobody was held responsible.

One year later, on October, 2020, in the period between covid-19 first and second waves, tragic fires invaded Chapada Diamantina. It was believed to be an environmental crime. Once again, people were being murdered by the explicit necropolitics of the Brazilian federal government. Loosening regulations, politicians representing agribusiness, and the replacement of people in leadership positions in several sections of SISNAMA (Brazilian public agencies for environmental issues, including Ibama, ICMBio and Inea), are some of the actions that validate the recurrence of *capitalosis*, a generalized infection derived from a morbid capitalist state. But how much future can money buy?

Current research on environmental impacts reveals that the destructive level of human actions can already be considered a change in the geological period. We went from the Holocene to the Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene or **Chthulucene**⁸. Regardless of the name, the key issue is that natural resources are depleting faster and faster. Increasing levels of toxic chemicals, the drastic decline of different ecosystems, ocean acidification, population growth, and oil extraction, as well as the increasing creation of raw material for the food, fashion and pharma industries, are some of the factors that threaten recursiveness and promote the great acceleration⁹. Such an end of the world scenario becomes the substrate that Mateus Morbeck uses to fulfill his art production and to assert his political views. Pursuing that, he joined the group *Guardiões do Litoral* and helped remove the oil from the sea; he also witnessed *in situ* the volunteer firefighters as they fought to stop the fire in the *Chapada* National Park.

While billionaires spend money to freeze their heads and bodies, to be resuscitated by biotech companies, and invest in projects to take human life to Mars before 2050, Bruno Latour¹⁰ says that living 'outside the Earth' is impossible, only living inside it is possible. The idea of the space produced by cinema and literature, and responsible for feeding the human imagination until

⁸ Haraway, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf

⁹ Research conducted by the group led by William Steffen in the Dahlem Conference, in 2005. He coined the term "the great acceleration", which points to a drastic change in the Earth system, placing these events outside of the naturally expected change interval. Steffen et. al. refer to the existence of 12 biochemical markers and 12 socioeconomic markers as responsible for the great acceleration. (Steffen, W.; Broadgate, W.; Deutsch, L.; Gaffney, O.; Ludwig, C. The trajectory of the Anthropocene: The great acceleration. The Anthropocene Review 2015, 2, 81. [CrossRef])

¹⁰ Latour, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Revista De Antropologia, 57(1), 2014, 11-31. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702>

1980, became impossible. There is no way out from here. The hope for a non-barbaric future, as suggested by Isabelle Stengers (2015), is at risk. In Brazil, indigenous and black peoples, whose ancestors were enslaved, face the end of their worlds ever since colonization, as explained by Carlos Mondragón (2017) in his analysis of the extermination of Amerindians populations. The notion of an apocalyptical process, according to Mondragón, represents “the end of what is social, affection, esthetic, and of the material that makes a human world distinguishable”¹¹. Sharing such views and aiming at drawing attention to the importance of keeping the ecosystemic relations alive in all their forms, Morbeck resorts to art as his criticism instrument. The exhibition is an honest invitation to a joint reflection on the ways of life; the power imperatives and their ramifications; the government inaction worldwide and their agreements; the annihilation of the future in the present; the procrastination as a paradigm; money as death. The organization of the five works presented here highlights Krenak's notion that life is not useful¹², that progress and all the available technology will not save the Earth if we remain eating it. Therefore, Morbeck presents time as a decisive aspect in the understanding of his visual and poetic discourse.

In *Amanhã também foi assim*, *É tudo depois* and *Era escuro, depois chã*, the passage of time is rearranged as to reveal the persistence of extractivism: the actions produced by continuous repetition, the deliberate delay of decision-making and the greedy procedures of the institutions. Through the overlapping of the days of fire in Chapada Diamantina, *Amanhã também foi assim* presents itself as a horizon where each image reveals its own existence, stating that life exists only in the interrelation of the spaces and time with the beings and plurality of ecosystems. No image alone is self-sufficient. They are all interdependent and their lives are marked by sociability, not by exclusion. *É tudo depois*, the installation art with the same name of the exhibition, suggests a peculiar spatial dynamic: a single leaf, small and charred, inside of a specific color, broad and bright, although dead. The conflict between survival and life, from Krenak's point of view, is taken to the fullest. The leaf and the space criminally detached from their qualities and forced to be a memory. A remembrance-erasure: a future that would have been.

Era escuro, depois chã shows a geography of destruction. Metals, although modified in their original shapes, survived the fires. Retrieved by Morbeck, they

¹¹ Mondragón, Carlos. Otros fines del mundo. Revista de la universidad de México, Extinción Dossier, nov. 2017. “del fin de lo social, y con ello de lo afectivo, lo estético y lo material que hacen distintivo a un mundo humano”. <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/999ca022-1584-4941-b584-048c5025adbf/otros-fines-del-mundo>

¹² Krenak, Ailton. A vida não é útil. Cia das Letras: São Paulo, 2020.

are shown as a visual constellation, affectionately displayed in the gallery, hiding the implicit horror. Maybe those are the flowers of the future: lasting, even though modifiable. When the sky falls and all is crushed, not even Omamë¹³ will be able to help. Whereas these works deal with the materiality of fire and the horror coming from it, the other two, *Nem tudo é mar* and *Meia água*, expose capitalist problems, which roots date back to colonialism, notably the conquest and crossing of the waters. *Nem tudo é mar* leads directly to the pollution of the water caused by the condensed crude oil, especially in the presence of the wind. The same wind that brought the European captaincies transported the oil for kilometers, spreading it across 116 municipalities on the northeastern coast.

Mateus buys sheets, cuts them to use for creation. Away from its designed use, the sheet plays a new role but remains bonded to the concept of home, bed, rest. If the thalassocycle's home is the sea, Morbeck, by removing oil slicks by some kind of monotype, stimulates the conversation about the separation according to modernity between human - humanity as addressed by Krenak - and nature. Indigenous people and other populations do not see human life detached from cosmology, as done by white, western History, Science and Philosophy since the invention of Christianity. *Meia água* brings dialogic elements close to *Nem tudo é mar*. However, its unique feature can be found in the materiality of the paper and the way it is assembled: the construction of a map that manifests the destructive potential of oil mines. Between reporting and poetry, Mateus Morbeck seeks to overcome the Manichean reductionism of Western culture. But how long does a nightmare last?

NOTE: Unless otherwise noted, all translations of quotations are our own.

¹³ Davi Kopenawa describes the falling sky as the annihilation of life. Life should be understood from the Yanomami cosmology. In Yanomami Mythology, Omamë hid the metals inside the Earth and they should not have been removed. ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1849409/course/section/474081/pub405-2.pdf>